

A PERCEÇÃO DOS PAIS SOBRE A PRESENÇA E INFLUÊNCIA DA INTERNET NA VIDA DOS FILHOS

PARENTS' PERCEPTION OF THE PRESENCE AND INFLUENCE OF THE INTERNET IN THEIR CHILDREN'S LIVES

Anna Clara Neri de Paula Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Elen Dione Garcia Veloso Machado Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Isabela de Oliveira Rigueira Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Jackeline da Silva Souza Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Laysla Fontes de Oliveira Machado Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Stefani Vicente Saito Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Camila Miranda de Amorim Resende Centro Universitário Geraldo de Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil
e-mail

Resumo O estudo investigou, a partir da visão dos pais, a relação de crianças e adolescentes com a internet buscando compreender os possíveis impactos deste uso no seu desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que contou, em sua primeira etapa, com respostas de pais de crianças e adolescentes de 5 diferentes faixas etárias. Em um segundo momento, foram feitas entrevistas semiestruturadas com 8 dos participantes da primeira etapa. Foram respondidos 168 questionários, via Formulário Google; o que representa um total de 124 crianças (0-11 anos) e 44 adolescentes (12-17 anos). 98,8% responderam que seus filhos acessam a internet. Chama a atenção o tempo de uso, majoritariamente acima de 3h, o que é contraindicado por especialistas. O questionário sobre o uso problemático e arriscado de mídias (YOUNG; ABREU, 2019) - para crianças -, assim como o Teste de Dependência de Internet de Pais-Filhos (YOUNG, 2016) - para adolescentes -, não apontaram para resultados significativos no sentido de dependência. A partir da análise das entrevistas semiestruturadas, destaca-se que a internet está entre as principais opções de lazer, bem como exerce o papel de 'babá eletrônica' no cuidado de crianças e adolescentes. Foi possível conhecer também o modo de controle e monitoramento do uso da internet, feito pelos pais. Concluiu-se que as crianças e os adolescentes referidos na pesquisa possuem uma frequente e intensa relação com a internet o que, apesar de não ter sido identificado como dependência, traz importantes implicações para seu desenvolvimento.

Palavras-chave Desenvolvimento. Internet. Família

Abstract The study investigated, from the parents' point of view, the relationship of children and adolescents with the internet, seeking to understand the possible impacts of this use on their development. This is a qualitative research that included, in its first stage, responses from parents of children and adolescents from 5 different age groups. In a second moment, semi-structured interviews were conducted with 8 of the participants of the first stage. 168 questionnaires were answered via Google Form; which represents a total of 124 children (0-11 years old) and 44 adolescents (12-17 years old). 98.8% answered that their children access the internet. The time of use stands out, mostly above 3 hours, which is contraindicated by specialists. The questionnaire on problematic and risky media use (YOUNG; ABREU, 2019) - for children -, as well as the Parent-Child Internet Addiction Test (YOUNG, 2016) - for adolescents -, did not point to significant results in terms of dependency. From the analysis of semi-structured interviews, it is highlighted that the internet is among the main leisure options, as well as playing the role of 'electronic nanny' in the care of children and adolescents. It was also possible to know how parents control and monitor internet use. It was concluded that the children and adolescents referred to in the research have a frequent and intense relationship with the internet which, despite not having been identified as dependence, has important implications for their development.

Keywords Development. Internet. Family.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 09/05/2023
Publicado em 30/06/2023

1 INTRODUÇÃO

A partir do avanço expressivo da tecnologia ao longo deste século e, em especial, da introdução da internet no cotidiano social, vemos cada vez mais como as telas se fazem presentes no dia-a-dia das pessoas. Com as transformações decorrentes do contato frequente com as tecnologias e a facilitação do acesso à internet a partir de dispositivos móveis, tal imersão ao mundo tecnológico vem acontecendo cada vez mais precocemente, o que acende um alerta sobre os possíveis desdobramentos que uma interação prematura e desregrada pode gerar nos indivíduos ao longo de seu desenvolvimento, assim como impactarão a forma em que eles irão construir suas relações interpessoais e intrapessoais ao longo da vida.

A geração atual se encontra cada vez mais online e com isso muitos pais sentem-se à deriva sobre sua atuação como responsáveis diretos pela educação e formação de seus filhos neste mundo sempre conectado. Levando em conta o cenário vivido, muito tem sido debatido sobre o impacto do uso da internet durante o processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes. A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) publicou, em 2016, um Manual de Orientação intitulado “Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016), onde é possível encontrar recomendações sobre o uso de tablets, celulares e jogos para crianças e adolescentes, além de advertir e expor as inúmeras áreas que o uso intensificado de telas, ou inapropriado para a idade, podem afetar no desenvolvimento humano, em especial de crianças e adolescentes.

Refletindo sobre a relevância da internet na vida social dos indivíduos e, principalmente, sobre a forma que esta interação vem se estabelecendo, surge uma preocupação não somente dos pais, mas também de inúmeros profissionais sobre os impactos desse elo que vem sendo criado entre as telas, as crianças e os adolescentes. Neste sentido, levando em consideração os desdobramentos que podem surgir no desenvolvimento infanto-juvenil, a pesquisa se propôs a investigar, a partir da visão dos pais, como é a relação de crianças e adolescentes com a internet (redes sociais, vídeos, jogos de videogames etc) e compreender se eles percebem impactos deste uso no desenvolvimento de seus filhos e, em caso afirmativo, quais seriam. Para tal, buscou conhecer como tem se dado o uso da internet por crianças e adolescentes (frequência; duração; tipo de interesse); entender o posicionamento de pais sobre possibilidades de regulação do uso de dispositivos eletrônicos pelos quais seus filhos acessam a internet; analisar o efeito da aprendizagem por observação no que diz respeito ao impacto no comportamento de crianças e adolescentes; bem como investigar como o tempo livre da criança e do adolescente tem sido vivenciado.

A INTERNET NA VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

De acordo com dados obtidos na última pesquisa do TIC Kids Online Brasil (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2022), realizada no ano de 2021 pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) e conduzida pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), a proporção de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos usuários de internet no país, cresceu desde a última pesquisa (93% em 2021, comparado a 89% no levantamento de 2019). Ainda, 78% dos usuários de internet na faixa etária citada acima acessam algum tipo de rede social, o que configura um aumento de dez pontos percentuais em relação à pesquisa realizada em 2019. Segundo Alexandre Barbosa, gerente do Cetic.br, as plataformas de criação e compartilhamento de conteúdo audiovisual estão entre as mais acessadas pelo público infantojuvenil (NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR, 2022). Com isso, é possível compreender que, cada vez mais, telas e internet passam a ser recursos incontestavelmente frequentes no dia-a-dia das crianças e adolescentes brasileiros.

Diante de incertezas e inseguranças geradas pela convivência com a internet nos lares, a tendência majoritária é, como salienta Iaconelli (2019), uma espécie de demonização do novo. A autora nos lembra como este movimento de desconfiança diante do novo esteve presente em todos os momentos de grandes e significativas transformações sociais. Não há dúvidas que a internet trouxe possibilidades fantásticas e sem as quais muito do que vivemos hoje não seria possível. O que se impõe, destaca Iaconelli (2019), é um processo de educação sobre seu uso, sem o qual os impactos para o desenvolvimento de crianças e adolescentes tendem a ser significativos e preocupantes.

Entendendo a inerência da tecnologia na atualidade, Abreu, Eisenstein, e Estefenon (2013), destacam que, independente da percepção dos pais acerca do uso das telas, é incontável o contato que crianças e adolescentes têm com essa tecnologia. Afinal, irão interagir com esses recursos sejam eles diretamente ofertados pelos pais ou não, visto que as telas estão espalhadas em toda parte, desde a rua - como em estabelecimentos comerciais - até dentro das casas. Desta forma, surge um questionamento central sobre como transformar o uso da tecnologia favorável para o desenvolvimento dos filhos.

A nossa tarefa como cuidadores, pais e cidadãos do século XXI é compreender as mídias, reconhecer e usar seu imenso potencial para o bem, proteger a nós mesmos e aos outros contra danos e discernir quando elas são a melhor ferramenta para a atividade em questão, desligando-as quando não for esse o caso. (ABREU; EISENSTEIN; ESTEFENON, 2013, p. 32)

Diante toda essa problemática envolvendo o uso de telas por crianças e adolescentes, a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) trouxe algumas orientações, em seu “Manual de Orientações” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016). Segundo tal documento,

crianças menores de 2 anos não devem ter nenhuma exposição às telas, e crianças de 2 a 5 anos, no máximo, 1 hora de exposição. O Manual destaca também que as telas devem ser evitadas 1 a 2 horas antes de dormir, e que o uso das telas deve ser evitado durante as refeições, e que crianças de 0 a 10 anos não devem ter televisões em seus quartos. Reforça ainda que, sempre que possível, os pais ou responsáveis devem estar junto com a criança, porque é muito importante manter a atenção ao conteúdo, bloquear os conteúdos inapropriados e limitar o acesso, assim como tentar pré-estabelecer com a criança esses limites.

A internet muitas vezes, segundo o Manual de Orientação #MenosTelas #MaisSaúde (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019-2021), preenche vácuos - tédio, necessidade de entretenimento, abandono afetivo, ou mesmo a falta de atenção dos pais. O uso excessivo e o acesso a conteúdos inadequados, ainda de acordo com o mesmo documento, têm gerado consequências importantes como baixo rendimento escolar, abusos de privacidade, distúrbios de aprendizado, atrasos no desenvolvimento, entre outros.

Importante ressaltar que as responsabilidades legal, civil e moral dos pais/família, da Sociedade e do Estado na segurança, proteção, cuidados e educação digital de crianças e adolescentes são sempre contínuas tanto on-line como off-line, sem distinção. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019-2021, p. 5).

A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A INTERNET

Com a chegada das novas tecnologias de comunicação e informação, o cotidiano dos indivíduos em toda humanidade foi transformado e não poderia ser diferente dentro do âmbito familiar, o que impacta nas relações dentro dos lares. A internet tem sido considerada como um novo membro dessa configuração familiar, com destaque para aspectos positivos e negativos diante de sua entrada nas casas.

Sendo assim, a tecnologia e os aparelhos que a compõem estão cada vez mais sendo inseridos no meio familiar. As tecnologias da informação e da comunicação fazem parte da família, pode-se dizer que se trata de um novo integrante que cada vez mais ganha recursos e espaço na relação entre pais e filhos (...) (NEUMANN; MISSEL, 2019, p.89).

Importante destacar que as mídias e tecnologias, em primeira instância, foram desenvolvidas para o uso individual, mesmo que voltadas para algum tipo de interação coletiva. Fisicamente os aparelhos são individuais, o que resultou, por consequência, no surgimento de provedores de conteúdo cada vez mais segmentados, verticalizados e com propostas de interesses específicos para

cada público. Tal ponto impacta diretamente no convívio familiar. Em Alves (2011) encontramos que, segundo dados coletados pela USC Annenberg School para o Center for Digital Future (EUA), 44% das pessoas já se sentiram ignoradas pelos membros da família, devido ao uso da internet e tempo online. A mesma pesquisa reporta que 52% dos respondentes consideraram a internet como muito importante na manutenção de sua vida social, embora admitam que o tempo passado pessoalmente com os amigos vem diminuindo. Constata-se então a preferência pelas mídias e o mundo digital, o que torna o outro “invisível” momentaneamente, visto que não é possível atender tudo de uma só vez (ALVES, 2011).

A família pode ser considerada um fator de risco ou um fator de proteção para o uso disfuncional da internet por crianças e adolescentes. Uma relação familiar conflituosa, seja entre pais e filhos ou entre os cônjuges, representa mais que uma influência negativa aos filhos, promove a manifestação de sintomas variados ligados, direta ou indiretamente, a uma possível dependência de internet (TRINDADE, MOSMANN; 2016).

Há, por outro lado, fatores de proteção que afetam positivamente a vivência e a relação das crianças e adolescentes com a internet, baseiam-se numa narrativa para além do monitoramento das redes sociais, vão na direção da construção da confiança familiar e estratégias de proteção que envolvam regras de convivência como: respeito, diálogo, olhar de cuidados, oportunidades e alternativas mais saudáveis, apoio e resiliência familiar, dentre outros (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016).

Em busca de tornarem suas famílias fatores de proteção, e não de risco, muitos pais buscam orientações de especialistas com desejo de encontrar “receitas” prontas (e eficazes) para lidar com seus filhos no que diz respeito ao uso da internet. Apesar da existência de publicações voltadas à orientação do uso da internet por crianças e adolescentes, como as aqui citadas, não há como ensinar como manejar as relações entre pais e filhos. Cabe a cada família adaptar as orientações à sua realidade e singularidade.

USO DISFUNCIONAL DA INTERNET: RISCOS PARA A SAÚDE

A Sociedade Brasileira de Pediatria elenca, em seu Manual (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019-2021), os principais problemas que afetam a vida das crianças e adolescentes na era digital. São eles: dependência digital e uso problemático das mídias interativas; problemas de saúde mental, como irritabilidade, ansiedade e depressão; transtorno do déficit de atenção e hiperatividade; transtornos do sono; transtornos de alimentação; sedentarismo e falta da prática de atividade física; bullying e cyberbullying; transtornos da imagem corporal e da autoestima; riscos da sexualidade, como abuso sexual; comportamentos autolesivos; aumento da violência; problemas visuais, auditivos e posturais; uso de álcool, nicotina e outras drogas.

Neste mesmo sentido, Abreu, Eisentein e Estefanon (2013) alertam que há um crescimento constante de padrões patológicos de jovens por conta do uso e exposição excessiva à internet, como passar a noite em claro para jogar, optar pelos jogos em vez de alimentação ou relações sociais com a família, irritabilidade quando não estão conectados, mentiras para manter as atividades online, dentre outros.

O Manual da SBP (2019-2021) nos ajuda a entender grande parte destas ações ao explicar que a maturação do córtex pré-frontal (responsável por autorregulação, controle dos impulsos etc) não ocorre no mesmo ritmo do desenvolvimento do sistema límbico (responsável pelas emoções), descompasso esse intensificado ao longo da adolescência.

Daí os comportamentos típicos dos adolescentes, não só de curiosidade e impulsividade, mas quando arriscam seus próprios limites, inclusive durante a participação nos jogos de videogames, desafios virtuais, selfies em locais extremos e inseguros ou nas redes sociais. O uso da Internet e as gratificações significativas, por pontos ou “likes”, recebidas por estes comportamentos nos jogos ou redes perpassam pelos mecanismos de recompensa e da produção do neurotransmissor dopamina. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019-2021, p. 3).

Danos associados ao excesso de uso da internet não são observados apenas em adolescentes, mas também em crianças e até mesmo em bebês. O uso da tecnologia interfere na qualidade de sono - graças à onda de luz azul presente na grande maioria das telas, diminuindo a produção de melatonina, o que acarreta dificuldade de adormecer e manutenção de um sono de qualidade durante toda a noite. Gera, ainda, sonolência pela manhã, problemas na memória e, conseqüentemente, prejuízos nos processos de aprendizagem. A exposição passiva às telas por períodos prolongados pode também promover um atraso no desenvolvimento da fala em crianças pequenas (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019-2021).

Um uso problemático da internet vem sendo observado, segundo Abreu, Eisentein e Estefanon (2013), em diversas comunidades e faixas etárias, principalmente entre adolescentes e jovens. Young e Abreu (2019) destacam que a dependência da internet tem por características a preocupação descontrolada e excessiva do indivíduo em manter-se conectado no virtual, relacionada a sofrimento e disfunções no âmbito social, escolar e relações interpessoais. Caracteriza-se, segundo os autores, por um transtorno complexo, de natureza multifatorial, que integra o espectro compulsivo-impulsivo e é caracterizada, principalmente, por um baixo controle do uso da internet. Ou seja, por mais que o indivíduo conheça os malefícios do uso excessivo, não consegue cessá-lo.

(...) o conceito de vício comportamental já está contemplado no Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-IV-TR) na categoria de transtornos do controle dos impulsos, em que apenas o jogo patológico é reconhecido. (...) Há projeções para que haja uma nova classificação no DSM-5 que trate das ‘dependências sem substâncias’, ou seja, para dependências comportamentais. (ABREU; EISENTEIN; ESTEFANON, 2013, p. 107)

Young e Abreu (2019) alertam que, assim como nos problemas comportamentais, quanto mais cedo o uso desregulado de mídias interativas puder ser reconhecido e tratado, mais fácil será. A falta de consenso sobre a descrição e critérios diagnósticos faz com que esses pacientes fiquem invisíveis para o sistema de saúde pública. Contudo, pediatras estão atendendo cada vez mais crianças e jovens que lutam contra o uso disfuncional de mídias interativas e precisam agir rapidamente, com base nas poucas pesquisas que existem, bem como nas poucas evidências médicas e psiquiátricas que podem dar suporte. O tratamento deve ser realizado por equipe multidisciplinar e busca desenvolver o uso da internet de forma mais focada e diligente, em vez de se abster do seu uso. A psicoterapia, por sua vez, busca melhorar a autoconscientização e a percepção do paciente.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de campo e bibliográfica, que contou com a participação de pais e mães de crianças e adolescentes de 5 diferentes faixas etárias, a saber: 0-2 anos; 3-5 anos; 6-8 anos; 9-11 anos; 12-17 anos. Importante destacar que a riqueza do trabalho de campo se dá uma vez que o campo é um espaço real, um fenômeno social e histórico, e que, portanto, é neste momento em que há a aproximação do pesquisador com a realidade (MINAYO, 2014).

Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, a partir do parecer número 5.371.674, a pesquisadora principal e suas orientandas enviaram, em junho de 2022, uma mensagem de convite para participação na pesquisa contendo o link do Formulário Google com perguntas predominantemente fechadas (anexo A), via Whatsapp, para pais e mães de sua rede de contatos e solicitaram que os mesmos divulgassem entre seus conhecidos. Ao final do questionário, havia um convite aos pais para realização de uma entrevista semiestruturada. Os pais que se dispuseram a participar do segundo momento da pesquisa foram contatados, através de telefone ou WhatsApp, para agendamento da entrevista e orientação sobre a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os mesmos precisaram ler e concordar com o TCLE para, em seguida, efetivamente participarem da pesquisa através de uma reunião do Google Meet, agendada de acordo com a possibilidade do entrevistado. As entrevistas, realizadas em julho de 2022, foram conduzidas pela pesquisadora principal acompanhada por uma das orientandas, guiadas por um roteiro semiestruturado (anexo B) e gravadas, com o consentimento dos entrevistados, para facilitar a análise posterior. Foram entrevistados, ao todo, sete mães e um pai e cada entrevista durou, em média, 20 minutos.

A base de dados da pesquisa consistiu em 168 as respostas obtidas de pais e mães no Formulário Google, subdivididas nas seguintes faixas etárias: 31 de 0-2 anos; 29 de 3-5 anos; 31 de

6-8 anos; 33 de 9-11 anos e 44 de 12-17 anos. Não temos como afirmar o número exato de participantes desta primeira parte da pesquisa, uma vez que a orientação dada por mensagem de WhatsApp foi que o pai ou mãe participante respondesse um formulário para cada filho, em caso de ter mais de um. Estes pais e mães respondentes fazem parte da indicação de pessoas da rede de contatos particular das pesquisadoras, moradoras de Volta Redonda e adjacências. Foram eles: amigos de amigos, parentes e amigos de colegas de trabalho, vizinhos, dentre outros, todos residentes na região Sul Fluminense – foram excluídos os raros formulários preenchidos por pais e mães de outras regiões.

Os métodos utilizados para coleta dos dados foram, portanto, o preenchimento de um Formulário Google, para todos os participantes (total de 168 respostas), e um roteiro de entrevista semiestruturada, para os participantes da 1ª etapa da pesquisa que se interessaram em participar também da 2ª etapa da pesquisa. As perguntas do formulário consistiam em quatro categorias: perguntas pessoais sobre o entrevistado (sexo, faixa etária, município de residência, grau de escolaridade, renda, número de filhos); questões específicas sobre o filho ou filha do entrevistado (idade, rede de apoio, lazer, acesso à internet, monitoramento do acesso à internet, preferências no uso da internet, dentre outras) - em caso de ter mais de um filho, a orientação foi para o preenchimento de mais de um formulário, sendo cada um dedicado a um de seus filhos; perguntas que configuram o questionário sobre o uso problemático e arriscado de mídias (YOUNG; ABREU, 2019) usado para crianças de 0-11 anos e o Teste de Dependência de Internet de Pais-Filhos (YOUNG, 2016), para adolescentes; e, por fim, perguntas sobre o próprio entrevistado (uso da internet; formas de lazer).

Na segunda parte da pesquisa de campo, foram realizadas 8 entrevistas semiestruturadas que permitiram aos entrevistados discorrerem livremente sobre o tema que lhes foi solicitado. Este tipo de entrevista, também denominado por Minayo (2004) de “conversa com finalidade”, apresenta o roteiro apenas como elemento orientador. A ordem dos assuntos abordados é determinada frequentemente pelas próprias preocupações e ênfases que os entrevistados dão aos temas e, desta forma, não obedece a uma sequência rígida (MINAYO, 2004). Os entrevistados foram instruídos, portanto, a falarem livremente sobre a relação de seus filhos, crianças e adolescentes, com a internet (redes sociais, vídeos, jogos de videogames etc), com destaque para os possíveis impactos deste uso no desenvolvimento de seus filhos.

O material qualitativo coletado foi posteriormente trabalhado através da metodologia de análise dos discursos (MINAYO, 2004). Busca-se, por um lado, ter uma visão de conjunto e, por outro, apreender as particularidades do material obtido através das entrevistas. Deste modo, foram selecionadas quatro dimensões temáticas que se revelaram importantes para os objetivos da pesquisa. Os dados quantitativos do formulário foram coletados por meio de um questionário de múltipla escolha e os resultados gerados através de uma tabela em Excel e analisados de acordo

com as proporções das respostas obtidas. Tais resultados serão apresentados a seguir e também dentro das dimensões temáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Das 168 respostas obtidas na primeira parte da pesquisa - a partir do Formulário Google, 88% foram dadas por mulheres. Quanto ao município de residência dos respondentes, verificou-se que Volta Redonda se destaca, com 79,7% das entrevistas. A idade dos respondentes varia, sendo que a maioria das respostas aponta para a faixa etária entre 40 e 49 anos (42,26%), seguido da faixa etária entre 30 e 39 anos (40,47%). O grau de escolaridade apontado nas respostas mostra maior incidência de respondentes pós-graduados (33,9%), graduados (29,1%) e com o Ensino Médio Completo (20,8%). As respostas sobre a renda média mensal familiar são diversificadas: 17,8% das famílias recebem de 10 a 20 salários mínimos, 26,78% famílias recebem entre 4 e 10 salários mínimos; 24,40% das famílias entre 2 e 4 salários mínimos e 23,21% recebem até 2 salários mínimos, o que permite considerar que a internet está realmente presente em todas as classes sociais. Dentre os respondentes, 87,5% disseram ter entre 1 e 3 filhos, sendo que 52,97% das respostas apontam para 2 filhos. Dos filhos referidos, 31 são crianças de 0 a 2 anos; 29 são crianças de 3 a 5 anos; 31 crianças têm entre 6 a 8 anos; 33 têm entre 9 a 11 anos e 44 têm entre 12 a 17 anos. Das respostas, 162 (96,42%) apontam para pais que moram com os filhos, sendo 114 (67,8%) as respostas daqueles que contam com a ajuda do parceiro para cuidar das crianças.

As 168 respostas obtidas foram subdivididas nas seguintes faixas etárias: 31 de 0-2 anos; 29 de 3-5 anos; 31 de 6-8 anos; 33 de 9-11 anos e 44 de 12-17 anos. Chama a atenção, de antemão, 166 (98,8%) respostas positivas para famílias com acesso à internet. Destes, 143 assinalaram que os filhos acessam a internet pelo celular, 113 respostas apontam a SmartTV, 54, os computadores, 40, o tablet e 34, o videogame.

Dentre as respostas, 42,26% delas sinalizaram que a durabilidade de acesso à internet pelos filhos durante a semana é superior a 3 horas; enquanto, 28,57% apontam para o uso da internet de até duas ou até 3 horas diárias durante a semana. Já aos finais de semana, a opção “acima de 3h” passa a ser a mais selecionada em todas as faixas etárias, exceto na de 3-5 anos, o que aponta para a internet como uma das principais opções de lazer.

Outro estudo internacional (HINKLEY et al., 2018) sugere que níveis altos de tempo de tela associados a níveis mais baixos de brincadeiras ao ar livre estão relacionados a habilidades sociais mais pobres, particularmente no que diz respeito à complacência das crianças.

Sobre as opções de lazer preferidas pelos filhos, as telas ganharam grande destaque. Na faixa etária de 0-2, ficaram em terceiro lugar, passando ao segundo na faixa etária seguinte (3-5 anos), e assumindo o primeiro lugar nas demais faixas etárias: 6-8 anos; 9-11 anos; 12-17 anos.

Young e Abreu (2019) falam sobre a prevenção “3-6-9-12” para a dependência de telas. Segundo os autores, a regra sobre telas para crianças de 0-3 anos é de "nunca/em lugar algum"; de 3-6 anos, é de 1h por dia e com constante supervisão parental; de 6-9 anos, no máximo, 2 horas; de 9-12 anos é importante o desenvolvimento da consciência a respeito do que assistem, visitam ou jogam. De modo muito semelhante, o Manual de Orientação da SBP (2019-2021) fala sobre a importância de evitar a exposição às telas de menores de 2 anos; limitar o tempo de tela a 1 hora para crianças entre 2-5 anos; entre 6-10 anos ampliar para, no máximo, 2 horas, com a supervisão dos responsáveis; e de 11-18 anos, permitir que o tempo de tela chegue, no máximo, a 3 horas diárias.

Quanto a estipular ou não um limite de horas de acesso à internet para seus filhos, 107 (63,69%) responderam que estipulam, já 12,5% sinalizaram que são os próprios filhos que decidem o tempo de uso. São 70 (41,66%) as respostas afirmativas de pais que dizem ficar junto aos filhos enquanto eles acessam a internet.

O YouTube foi a rede social mais citada como acessada, com 115 respostas. Os demais destaques foram para Whatsapp (65), TikTok (58) e Instagram (40). São 41 respostas daqueles que os filhos não acessam redes sociais. 89 respostas indicaram que pais acompanham os filhos nas redes sociais e 20 respostas foram negativas nesse sentido, as outras respostas foram “não se aplica”, ou seja, corresponde a filhos e filhas que não acessam redes sociais.

Objetivando compreender o impacto do uso da internet na saúde de crianças e adolescentes, foram incluídas na pesquisa perguntas que configuram o questionário sobre o uso problemático e arriscado de mídias (YOUNG; ABREU, 2019) usado para crianças de 0-11 anos e o Teste de Dependência de Internet de Pais-Filhos (YOUNG, 2016), para adolescentes. Considerando o total de crianças (0-11 anos), 25,8% apresentam, a partir da resposta dos pais, um uso problemático e arriscado de mídias. No questionário destinado ao grupo de adolescentes (12-17 anos), por sua vez, 61,4% dos adolescentes referenciados não apresentam nenhuma gravidade; 25% apresentam gravidade leve e 13,6% apresentam gravidade moderada para a dependência de internet. Importante destacar a aparente contradição entre estes dados e os que foram apresentados anteriormente. Os testes aplicados consideram o uso problemático ou arriscado - no caso de crianças - e uma dependência - no caso de adolescentes, diferente do que fora apresentado anteriormente que, ainda que tenha trazido alto número de exposição à internet não se configura, segundo as referências adotadas, ao menos até o momento, em dependência ou uso arriscado ou problemático. Segundo Young e Abreu (2019), apesar do início do uso problemático de mídias interativas ocorrer mais frequentemente na infância e adolescência, os primeiros sinais desse uso podem passar despercebidos até que o jovem esteja gravemente comprometido.

A última sessão do questionário se dedicou a analisar o comportamento dos próprios pais em

relação ao uso da internet, a fim de conhecer qual tem sido o exemplo dado por eles aos seus filhos no que diz respeito a esse uso. Embora com níveis de frequências variados, 94,64% dos respondentes assinalam passar mais tempo na internet do que pretendiam, o que sugere um reflexo deste comportamento nos filhos e filhas.

As entrevistas semiestruturadas, no mesmo sentido, objetivaram explorar a relação dos filhos dos entrevistados, crianças e/ou adolescentes, com a internet (redes sociais, vídeos, jogos de videogames etc), com destaque para os possíveis impactos deste uso no desenvolvimento de seus filhos. Para tal, focaram no uso da internet por crianças e adolescentes (frequência; duração; tipo de interesse); no posicionamento dos pais entrevistados sobre possibilidades de regulação do uso de dispositivos eletrônicos pelos quais seus filhos acessam a internet; na relação dos próprios pais com a internet; bem como na compreensão de como o tempo livre da criança e do adolescente tem sido vivenciado.

Foram 8 os entrevistados nesta etapa da pesquisa. Para facilitar a compreensão dos resultados apresentados, elaboramos uma tabela com informações básicas dos entrevistados e, em seguida, um texto que traz como destaque a vida cotidiana deles com seus filhos na época da realização das entrevistas.

Tabela 1: Informações básicas dos entrevistados

Nome	Sexo	Idade	Estado civil	Sexo e idade dos filhos	Atividade profissional
Entrevistada 1	Feminino	28	Casada	Filha 4 anos	Servidora pública/Estudante
Entrevistada 2	Feminino	43	Divorciada	Filho 16 anos Filho 18 anos	Autônoma/ Estudante
Entrevistada 3	Feminino	33	Casada	Filha 8 anos	Servidora pública
Entrevistada 4	Feminino	37	Casada	Filho 2 anos Filho 9 meses	Cabeleireira
Entrevistada 5	Feminino	43	Casada	Filha 6 anos Filho 11 anos	Psicóloga
Entrevistada 6	Feminino	44	Casada	Filha 5 anos Filha 10 anos	Médica
Entrevistada 7	Feminino	32	Divorciada	Filha 2 anos Filho 4 anos	Trabalha em comércio familiar/ Estudante
	Masculino	32	Solteiro		

Entrevistado 8				Filho 5 anos	Freelancer/ Estudante
----------------	--	--	--	--------------	--------------------------

Fonte: Pesquisa das autoras.

Como podemos observar na tabela, a maioria dos responsáveis entrevistados trabalha em algum local ou possuem alguma carreira que torna possível certo nível de flexibilidade no trabalho.

Além da flexibilidade no trabalho, outro aspecto comum entre a maioria das famílias é o apoio dos avós para cuidar das crianças e adolescentes enquanto os pais estão ocupados com suas tarefas diárias. Entre os responsáveis que são separados ou divorciados, a dinâmica da conciliação com os ex-companheiros(as) é a mais comum.

Compondo a rotina das crianças e adolescentes, aparecem com destaque a escola, em período regular, e algumas tarefas extracurriculares, como ballet, jazz, entre outros. Além disso, quando em casa, há um período em que as crianças e adolescentes ocupam-se de suas tarefas escolares, podendo brincar ou se distrair após o cumprimento de suas demandas.

Uma ocorrência que se destacou na maioria das famílias foi o fato de que o trabalho dos responsáveis no período da pandemia COVID-19 foi comumente atravessado pelas crianças. Tendo que trabalhar de casa, alguns pais viram-se inseridos na difícil dinâmica de conciliar a presença dos filhos em casa e o trabalho, no mesmo ambiente. Nesses momentos, alguns pais puderam contar com a presença de outras pessoas da rede de apoio nas casas, como os avós, tios, entre outros.

É essencial que se observe e analise a dinâmica de vida e cotidiano das famílias porque, de acordo com Wagner et al. (2010, p. 34), “(...) o desenvolvimento social e afetivo de uma criança ocorre no processo de retroalimentação com o ambiente”. Ou seja, o ambiente em que as crianças e adolescentes estão inseridos e as dinâmicas adotadas para conciliar às necessidades do coletivo impactam e delinham suas formas de ser no mundo.

A partir da análise das entrevistas realizadas com os entrevistados acima descritos, elaborou-se quatro dimensões temáticas. A primeira, “A relação com a internet e seus impactos”, tem como objetivo analisar como crianças e adolescentes se relacionam com a internet e quais são, na visão dos pais, os impactos observados desse uso. Volta-se também para a relação dos próprios pais com a internet e em como essa relação implica nos filhos e, por fim, destaca os principais impactos do isolamento devido à pandemia do COVID-19 no uso da internet pelas famílias entrevistadas.

A segunda dimensão, “A internet como babá eletrônica”, versa sobre uma questão que chama muita atenção: o fato da internet ser colocada, por muitos pais, como “auxiliar” no cuidado e ocupação dos filhos no momento em que eles, pais, não podem dar atenção aos filhos.

“Possibilidades de controle da internet” é a terceira dimensão que trata do monitoramento

realizado pelos pais sobre o que é visto pelos seus filhos na internet, bem como relata também a interferência sofrida pela rede de apoio no sentido das possibilidades de monitoramento e, por fim, apresenta o sentimento dos pais - muitas vezes de culpa - em relação a esta questão.

Por fim, a quarta e última dimensão denominada “Formas de lazer” trata das preferências de lazer pelos filhos, na visão dos pais, assim como traz o modo como os pais, enquanto crianças, se divertiam.

PRIMEIRA DIMENSÃO: A RELAÇÃO COM A INTERNET E SEUS IMPACTOS

A partir da análise das entrevistas foi possível observar nitidamente a imersão precoce de crianças pequenas e de adolescentes no mundo digital e tecnológico e as reações dos mesmos diante do acesso às telas.

A entrevistada 3 relata sobre as reações e comportamentos da filha diante ao acesso a internet: “(...) eu acho que ela tem um sono mais agitado, às vezes ela demora mais pra dormir (...)”. A entrevistada 6 afirma:

“(...) complicado, é complicado, elas pedem o tempo inteiro, elas querem o tempo inteiro, e como vou ficar de olho o tempo inteiro no que elas estão vendo, o que elas estão fazendo, é difícil pra caramba porque eu ‘tava’ achando a S., estava ficando com o sono, a mais velha, com o sono agitado, muito revoltada, com muitos medos, agressiva, e não querendo fazer nada”.

Outra entrevistada, a 4, afirma que seu filho se ficar além de dez minutos em frente às telas já começa a ficar muito irritado. A entrevistada 1, por sua vez, diz que:

“Ela pegou o hábito de comer assistindo alguma coisa, então a gente percebe que ela come melhor, embora seja raro, mas que ela come melhor se ela estiver assistindo algum desenho, então assim acaba que virou automático, para ela comer direito vamos dar o celular, entendeu?”

Em consonância com as mais diversas pesquisas e artigos que embasam as análises, crianças e adolescentes que ficam excessivamente diante das telas se tornam mais sedentários com maior possibilidade de desenvolverem padrões irregulares de sono, alimentação e obesidade (YOUNG; ABREU, 2019). Vale lembrar que a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) orienta sobre a importância de se evitar telas de 1 a 2 horas antes de dormir, bem como de evitar o uso de telas durante as refeições.

Também, como impacto do uso da internet, foi citada a dificuldade de seguir regras, como destaca a entrevistada 2: “(...) teve um período que o mais novo estava tendo dificuldade em seguir as regras e eu falava até tal hora, e quando era àquela hora ele falava ‘ah não deixa terminar essa parte’”. O entrevistado 8 da também ressalta:

“(...) ele barganha também né, ele quer barganhar. Então ele vai falar, vai chorar, vai... E aí

vai ser difícil conversar com ele né, a gente vê que ele já não olha para o nosso olho, muda um pouco isso, ele se sente muito mais estimulado, enfim, tem essa diferença”.

Diante do exposto acima é nítido que existe um conflito entre pais e filhos quanto ao tempo de uso dos aparelhos e para os filhos, especificamente, parece surgir o que foi descrito por Neumann e Missel (2019) como a sensação de “estar perdendo algo” ao estarem offline, por isso talvez exista a sensação de que ainda não é a hora de desligar, de que é preciso um pouco mais de tempo.

Outro fator importante a ser elencado é que crianças e adolescentes que convivem em lares em que os pais utilizam a tecnologia com frequência tendem a interessar-se pelo mesmo objeto de uso dos pais.

(...) é a interação que se estabelece no sistema familiar que vai definir a forma como a família lida com as novas tecnologias. Assim, a internet, por si só, não explica as dificuldades familiares; em outras palavras, ela não é o vilão da família atual. (WAGNER et. al., 2010, p 19.)

Desta forma, é importante entender como os pais usam suas próprias telas e dispositivos. Já vimos, através das respostas dos questionários, que 94,64% dos pais afirmaram passar mais tempo na internet do que pretendiam. As entrevistas semiestruturadas corroboram esta situação, uma vez que a maioria afirma ficar mais tempo que o previsto e o “desejado” (palavras deles) em frente às telas. Muitos afirmam como motivo do tempo prolongado o trabalho e destacam que inclusive, depois da pandemia, houve um aumento de demanda do trabalho remoto. Na fala do entrevistado 8: “(...) é muito. Mais de 8 horas de tela por dia, com certeza. T. me vê na tela sempre, né, eu tento explicar pra ele (...)”, em consonância com a entrevistada 1: “(...) todo mundo tem meu número, é vinte e quatro horas as pessoas ligando sábado de noite, domingo de manhã cedo, então eu vejo que eu fico assim, constantemente no celular (...)”, e em outra fala da entrevistada 1: “(...) acaba que a criança aprende muito mais com o que ela vê do que com o que ela escuta, até porque não adianta a gente ficar repreendendo se a gente também faz”.

Sobre a aprendizagem por observação, citada pela entrevistada 1, entendemos que é o que torna as pessoas capazes de adquirir novos comportamentos seguindo o exemplo de outros (BANDURA 1971 apud CAMARA, 2015). Por isso, investigamos o comportamento dos próprios pais e responsáveis no que diz respeito ao tempo que passam em frente às telas. Vale ressaltar que crianças e adolescentes que convivem em lares em que os pais utilizam a tecnologia com frequência, tendem a interessar-se pelo mesmo objeto de uso dos pais. O efeito da aprendizagem por observação no que diz respeito à relação dos pais com a internet denota um reflexo no comportamento de crianças e adolescentes, indicando que o uso de dispositivos eletrônicos se torna mais interessante e constante, sobretudo, para filhos de pais que fazem o uso com grande frequência.

Importante destacar que a internet foi uma das principais ferramentas utilizadas no período do isolamento social durante a pandemia de COVID-19. O uso das telas por crianças e adolescentes aumentou consideravelmente nesse período. Observamos, com base nos relatos dos pais, as reações causadas diante do uso excessivo das telas por seus filhos durante este período tão excepcional.

“Ela não tinha tanto contato com a internet e essas coisas [antes da pandemia], mas hoje em dia eu já sinto virando vício, entendeu? Já fica com um pouco de irritabilidade quando a gente quer tirar, tem uma coisa de estar mais ali, entendeu?” (ENTREVISTADA 1)

“(…) mudou muito essa questão da televisão mesmo e acabou aumentando, nossa até a questão de ficar muito deitada, ficar muito em casa, ficar muito parada eu sinto que ela ficou até... ela era mais aberta, mais animada, gostava de brincar e fazer coisas que hoje eu sinto ela mais quieta, eu acho que talvez um pouco da idade também né, e talvez a pandemia pode ter influenciado um pouco também.” (ENTREVISTADA 3)

Estudos (ALRAHILI et al., 2021; HINKLEY et al., 2018) mostram que quanto mais as crianças ficam entretidas no mundo virtual mais elas tendem a querer passar mais tempo sozinhas e desenvolvem dificuldade de interação com o mundo real, o uso em excesso de telas podem, portanto, trazer risco à saúde e mudança de comportamento, o que foi destacado pelas entrevistadas acima. Alrahili et al. (2021) realizaram um estudo sobre o efeito do uso de eletrônicos nas habilidades de comunicação de crianças na Arábia Saudita. Descobriram que o aumento de tempo de tela está associado a menores habilidades de comunicação, o que podemos articular à fala da entrevistada 3 quando diz que sua filha, depois do excesso de internet da pandemia, ficou mais quieta.

Importante destacar, como vimos anteriormente, que o aumento do uso de internet após o período de isolamento não se deu apenas por crianças e adolescentes e sim também pelos pais, como podemos ver nas falas das mesmas entrevistadas que destacaram mudanças mais significativas nos filhos.

“Então eu percebi que antes da pandemia eu usava bem menos, e depois da pandemia, por conta do meu trabalho mesmo (...) a gente começou a ter uma relação com os pacientes por mensagens textos, ligação, então agora sim, virou um inferno – risos – porque todo mundo tem meu número e é vinte e quatro horas as pessoas ligando sábado de noite, domingo de manhã cedo, então vejo que eu fico assim, constantemente no celular, mas a gente vem conversando sobre isso aqui em casa né, a questão de que atrapalha mesmo, porque você acaba se distraindo, a gente entra no Instagram para dar uma olhada lá em uma coisa, quando vê passaram se uma hora, uma hora e meia, duas horas.” (ENTREVISTADA 1)

“(…) eu acho que essa coisa do trabalho remoto fez a gente ficar ligada no trabalho mesmo em casa sabe, por mais que tenha voltado ao presencial parece que ficou assim. Porque, por exemplo: o e-mail do trabalho chega no celular, então chega uma notificação pra mim e parece. Às vezes eu tento não olhar, mas deixa eu ver... não tem nada demais... é só uma olhadinha aqui rsrs. Eu tenho um pouco disso, parece uma certa ansiedade. Eu acho que misturou muito, coisa do pessoal com coisa do trabalho. (ENTREVISTADA 3)

A mudança ocorreu, portanto, para toda a família, o que nos faz levantar a hipótese de que o impacto da internet na vida de crianças e adolescentes tenha sido ainda maior nas famílias em que os próprios pais tenham sido também mais impactados por esse uso após o período de isolamento social.

Observamos, nesta dimensão de análise, que a internet e as telas a partir das quais ela é acessada estão cada vez mais inseridas no meio familiar. Pode-se dizer que a internet se trata de um novo integrante que ganha cada vez mais recursos e espaço na relação entre pais e filhos (NEUMANN; MISSEL, 2019).

SEGUNDA DIMENSÃO: A INTERNET COMO “BABÁ ELETRÔNICA”.

Nesta dimensão é possível verificar os resultados obtidos quanto à utilização e articulação dos meios eletrônicos no âmbito familiar no que se refere à internet como “auxiliar” utilizada pelos pais em relação aos seus filhos em variadas situações. No artigo “Família digital: a influência da tecnologia nas relações entre pais e filhos adolescentes” (ABREU; EISENTEIN; ESTEFANON, 2013), as autoras destacam que a utilização da internet constrói novas formas de interações entre os membros da família, o que podemos associar a esta dimensão no sentido da internet ocupar, inclusive, este espaço que estamos nomeando de “babá eletrônica”.

Ao longo das entrevistas semiestruturadas foi possível verificar que muitas vezes os pais utilizam as telas como ferramenta para ocuparem as crianças enquanto realizam outras atividades que necessitam de mais atenção, como, por exemplo, para realizarem alguma tarefa da casa ou do trabalho, como destacam as seguintes entrevistadas:

“Geralmente a minha mãe está fazendo comida, que é o horário que ela mais deixa assim, ela até comentou comigo que na hora da comida não tem jeito, se não ela fica ali em cima de mim, querendo que eu brinque, aí não tem jeito eu pego o celular” (ENTREVISTADA 1)

“E geralmente o tempo que ela tá na tv eu tô arrumando comida, arrumando casa, resolvendo algum problema de casa né.” (ENTREVISTADA 3)

O uso da internet tem, portanto, crescido nas famílias como ferramenta “auxiliadora” de pais para atividades desenvolvidas no ambiente familiar. Colocamos entre aspas o “auxiliar”, pois compreendemos que, em algumas situações, ela preenche, vácuos deixados pelos pais, o que não

necessariamente é um auxílio às famílias.

Incentivar a ocupação do tempo vago ou do momento em que os pais não podem dispensar atenção aos filhos com o uso da internet pode fazer com que eles, os filhos, não desenvolvam tolerância à frustração e ao ócio, o que está em consonância ao apontado por Abreu, Eisentein e Estefanon (2013) quando falam sobre a sociedade contemporânea. Segundo estes autores, vivemos uma sociedade da pressa, na qual emergem novos problemas como a busca por soluções imediatas e a baixa tolerância à frustração.

Identificamos, deste modo, o uso - preocupante - da internet como uma espécie de “babá eletrônica”, no sentido da internet ocupar o lugar de distrair os filhos para que estes não interrompam seus responsáveis durante alguma tarefa, ou como “auxiliar” - quando os pais a utilizam para manter seus filhos “sob controle” enquanto fazem outras atividades.

TERCEIRA DIMENSÃO: POSSIBILIDADES DE CONTROLE DA INTERNET

De acordo com a teoria de Piaget, o desenvolvimento moral da criança se dá em três fases distintas, denominadas: anomia (até os 5 anos), heteronomia (até os 9- 10 anos) e finalmente a autonomia (acima dos 10 anos). Na anomia, a moral não existe, a criança não se mobiliza pela consciência de bem ou mal, age apenas pelo hábito. Na segunda fase, da heteronomia, a moral está relacionada à autoridade – ou seja, as regras são seguidas por serem impostas por outra pessoa. Já na fase da autonomia, há uma legitimação das regras e a criança tem capacidade de utilizar sua consciência moral (PIAGET, 1935 apud ALVES, 2011). Tal apresentação da teoria piagetiana, acrescida do conhecimento sobre a maturação incompleta do córtex pré-frontal até a adolescência, justifica a importância do controle e monitoramento dos pais no que diz respeito ao uso da internet por seus filhos.

Ao analisar as entrevistas semiestruturadas destacamos a tentativa de controle por parte dos pais em relação ao uso da internet pelos seus filhos. Contudo, percebemos que os pais encontram certos obstáculos em suas tentativas de limitar seus filhos.

De acordo com o questionário que enviamos através do Whatsapp, dos 168 respondentes, 107 responderam que limitam o tempo de uso dos filhos, porém, ainda de acordo com as repostas obtidas através deste questionário, o tempo de uso tanto durante a semana, assim como nos finais de semana, ultrapassa a orientação do Manual de Orientação da SBP (2019-2021).

Através das entrevistas semiestruturadas conseguimos obter um panorama mais aprofundado e compreender os atravessamentos dessas tentativas de controle que, por vezes, entraram em contradição com o apresentado nas repostas do questionário do Formulário Google. Como exemplo, podemos citar a fala da entrevistada 6, que diz:

“Então, eu tentei, assim, a gente não tem estabelecido, eu acho que até o ideal seria a gente ter regras, igual todo mundo fala ‘ah, tem que ter regra, celular tem que ter regra, tem que ter hora’, a gente não tem muito marcado, eu não consegui, eu até tentei ver com marido e tal, e como a gente vai fazer... Mas eu tô sendo sincera, não consegui ainda estabelecer uma regra.”

Conseguimos observar várias formas e tentativas de monitoramento por parte dos responsáveis, como a entrevistada 1 que trouxe a seguinte fala:

“(...) e o que eu faço é tentar monitorar o que ela tem assistido, sempre que eu posso participar, eu sempre peço e oriento até ela mesmo, porque ela tem quatro anos, mas ela é bem desenvolvida, ela é assim, bem para frente, aí eu falo, olha... tal coisa não é legal, não assiste, aí ela mesmo já fala para minha mãe quando passa um vídeo: ‘ah esse não posso, tenho que tirar’, então a gente tem bastante conversa assim.”

Nesta fala, a entrevistada traz um modo de diálogo e troca com sua filha de maneira a tentar conscientizá-la sobre o que é permitido ou não e ainda busca estar próximo e observando o que ela tem feito ouvindo nas telas. Outro exemplo como este ficou explícito na fala da entrevistada 7:

“Então o que a gente fez de combinado entre eu e ele né, entre eu e o pai, e depois com as crianças é esse controle assim né, do que eles vão assistir e os horários. (...) e ele sempre pergunta, acho bonitinho assim “mãe, eu posso ver esse?” e aí a gente vê que jogo que é também né, se não é nenhum jogo violento e tal.”

Neste exemplo acima podemos perceber como a criança compreende o que lhe é passado e consegue dar retorno a seus pais. Observamos, assim, a construção da confiança, do diálogo e do respeito destacados pela Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) como fatores de proteção para um uso saudável da internet.

Outra forma bem presente de monitoramento foram os meios de bloqueios e restrições de determinadas redes ou conteúdos específicos, como podemos observar na seguinte fala da entrevistada 6: “Pois é, eu tentei, é, eu queria tentar na verdade, teve uma época que eu queria tentar bloquear o Youtube aqui em casa - risadas - deixar só o Youtube kids”, na da entrevistada 5: “(...) a gente até põe no modo restrito, mas ainda eu percebo, às vezes, que ela vê conteúdo que não deveria ser da idade dela”, na da entrevistada 7: “a gente colocou filtro nos nossos celulares e no dos avós né, de conteúdo adulto” e na da entrevistada 1:

“Então, hoje em dia a gente tem acesso ao Youtube Kids, que ele dá para os pais um pouco de controle, um pouco né, não cem por cento, porque ele não tem anúncios e você consegue selecionar a faixa etária da criança que assiste os desenhos (...) na Netflix também a gente separou uma sessão de infantil, quando eu vou ligar para ela eu coloco sempre o infantil para que não

apareça filmes de guerra, essas coisas de tiroteio.”

Ainda, outra tentativa que apareceu fortemente foi a checagem das telas que são usadas pelas crianças, ou seja, um certo tipo de monitoramento indireto. Como explica a entrevistada 5:

“De vez em quando eu pego o celular e vejo o WhatsApp, vejo o histórico. (...) e de vez em quando eu pego e vejo se tá tendo alguma conversa com alguém. Porque também a gente sabe que tem isso daí de pessoas simplesmente começarem a mandar mensagens e abordar e sem saber criança e querer marcar encontro. Então, assim, a gente fica bem atento mesmo. É uma preocupação realmente que a gente tem.”

Existe, portanto, uma preocupação, o que, de certa forma, se torna uma justificativa para todos esses modos de monitoramento e controle.

“A gente tenta se policiar um pouco e tenta fazer atividades com ela, sair, andar de bicicleta, andar de patinetes, sempre tentando tirar porque a gente tem consciência de que não é bom, mas às vezes a gente cede também” (ENTREVISTADA 1).

Pudemos notar como os pais possuem consciência dos malefícios do excesso de uso das telas. Alguns não gostariam, inclusive, que o filho tivesse nenhum acesso. Contudo, também observamos que, por inúmeros motivos, como os destacados na dimensão anterior, acabam por ceder o uso a seus filhos. Em alguns casos, esse “ceder” é usado como forma de barganha, tal qual a fala da entrevistada 2:

“Tem um jogo que tá marcado, com os amiguinhos, pra sei lá, dez da noite: sexta-feira?! Você fez tudo?! Beleza!! Nenhum problema na sexta-feira ficar de dez até meia noite. Não, não me importo.”

Ou seja, os pais buscam controlar por outros métodos, como, por exemplo, só usar ou usar por mais tempo apenas após ter feito todos os afazeres de casa ou da escola. É quase que uma troca mútua de “faça isso, e eu deixo que tenha o acesso”.

Um outro atravessamento que percebemos foi em relação à rede de apoio dos entrevistados. Alguns pais colocaram que existe uma interferência negativa no impacto desta rede de apoio no seu modo de controle com os filhos, algo que é claramente notado na fala da entrevistada 1:

“Geralmente a minha mãe está fazendo comida, que é o horário que ela mais deixa, assim, ela até comentou comigo que na hora da comida não tem jeito, se não ela fica ali em cima, querendo que ela brinque, aí não tem jeito ela pega o celular”

Também da fala da entrevistada 7 onde diz:

“Quando não está com a gente foge do controle né, então às vezes a pessoa vê, a minha mãe deixa até bastante na TV quando eu preciso que ela fique com eles, até foge dos horários que eu

deixo, então... tem essa, além de influência, a gente tem que lidar com essas situações de quando não tá com a gente”.

Por fim, buscamos compreender como ficam os pais diante dessas circunstâncias, já que existem diversos dilemas internos e intervenções externas. Alguns dos entrevistados trouxeram falas marcantes como a da entrevistada 6 que diz: “Às vezes é ‘pra’ resolver alguma coisa, mas eu me culpo muito, eu me culpo por isso”, se referindo ao fato de deixar sua criança acessar à tela em determinados momentos em que gostaria de manter maior controle. Outra fala marcante foi da entrevistada 7:

“Então assim, o nosso planejamento era segurar muito a tela até que não desse mais, até que estivesse maior, só que a gente foi vendo que não dava pra ser tão radical assim (...) mas é uma super questão assim, a gente se sente até um pouco culpado de deixar eles terem acesso, mas a gente tenta controlar ao máximo”.

Então, aqui, pudemos notar que também existe um impacto nos pais, há uma cobrança interna, uma vontade de alcançar algo que nem mesmo eles sabem do que se trata, existe uma busca silenciosa por um ideal, que se destaca na fala da entrevistada 1:

“Acho que a gente fica sempre naquela coisa da linha tênue entre tentar acertar e errar, e não vai acertar sempre, mas também assim, eu percebi que eu me cobrava muitas vezes, mas hoje em dia eu tento relaxar um pouco e ir equilibrando onde eu consigo, onde está ao meu alcance, pois nunca vai ser perfeito”.

Está cada vez mais difícil estabelecer um limite que separa o uso produtivo e equilibrado da dependência da internet como o uso patológico, fato é que não se trata somente da quantidade de tempo que passa em contato com as mídias, mas sim a qualidade deste uso, ou seja, dos conteúdos que o mesmo acessa (EISENSTEIN, ESTEFENON, 2011). Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013, p. 32), trazem a seguinte reflexão aos pais:

A nossa tarefa como cuidadores, pais e cidadãos do século XXI é compreender as mídias, reconhecer e usar seu imenso potencial para o bem, proteger a nós mesmos e aos outros contra danos e discernir quando elas são a melhor ferramenta para a atividade em questão, desligando-as quando não for esse o caso.

Tal discernimento, no entanto, não é simples e gera, como vimos, muita angústia, insegurança e culpa em vários pais. Compreendendo a diversidade das composições familiares, ressaltamos que cada uma deve encontrar seu jeito próprio de lidar com estes desafios para os quais não há um estabelecimento de regras rígidas e imutáveis que sejam sinônimo de sucesso.

QUARTA DIMENSÃO: FORMAS DE LAZER

Atividades de lazer são fundamentais no processo de desenvolvimento de crianças e

adolescentes. Brincar e interagir com outras pessoas, assim como explorar o mundo e suas possibilidades têm componentes essenciais na construção de vida desses indivíduos. A Lei 13.257 (BRASIL, 2016) do Marco Legal da Primeira Infância reitera no Art.4º a promoção e formação da cultura de proteção e promoção da criança e no Art. 5º o direito à saúde, além dos direitos ao brincar, ser estimulado e desenvolver seus potenciais sem ser vítima de maus tratos e/ou exploração.

De acordo com o Manual de Orientação (2019-2021) elaborado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a distração passiva oriunda da exposição recorrente às telas vem na contramão do brincar saudável, que é um direito universal de todas as crianças e adolescentes. Essa questão foi evidenciada em nossa pesquisa, tanto através do questionário do Formulário Google (onde 45,84% das respostas obtidas apontam que as telas são a preferência dos filhos em relação às formas de lazer), quanto nas entrevistas semiestruturadas.

A entrevistada 3 pontua sobre a relevância da tela na vida de sua filha: "televisão é uma coisa que ela gosta muito. (...) ali na tv parece que ela tem tudo que ela quer, entendeu?!". Ela ainda cita um exemplo de como as brincadeiras são rapidamente substituídas pelas telas:

“(...) teve um dia que ela pediu pra vir uns amiguinhos dela da escola aqui em casa aí eu trouxe (...) chegou aqui, passou uns dez minutos, ela brincou com eles e aí o que que aconteceu? Daqui a pouco as crianças estavam correndo na casa e ela sentada no sofá vendo televisão”.

Já a entrevistada 6 expõe sua visão de como a tela do celular atravessa as formas de brincar das crianças atualmente:

“(...) a mais velha quer ficar levando celular (...) quer ir pra casa da amiguinha e ‘ah, porque a gente vai jogar lá’, falei ‘não, você vai brincar, vai fazer outra coisa lá (...) você vai ficar do lado do seu amigo e cada um no seu celular jogando?’”.

Observamos, portanto, que cada vez mais as telas estão introduzidas no cotidiano das crianças e adolescentes, sobretudo como opção de lazer.

Quando procuramos investigar a infância dos pais, percebemos uma grande diferença entre a infância de seus filhos e aquela em que eles tiveram décadas atrás. A entrevistada 4 lembra de suas atividades: “(...) eu ficava na rua muito tempo, trepando em árvore jogando queimada, andando de carrinho de rolimã, soltando chipãozinho, eu era bem moleca mesmo”, e a entrevistada 1 comenta sobre sua infância sem a presença de tecnologia:

“Eu sempre tive essa questão do lúdico, de inventar brincadeiras, até porque não existia celular na minha época, então eu inventava brincadeiras, brincava de escolinha, brincava de desenhar, essa coisa de escrever histórias (...)”.

Apesar de grande parte dos pais que responderam o questionário terem vivenciado o advento e popularização da televisão no cotidiano brasileiro (82,74% dos entrevistados tem entre 30 e 49 anos), é possível perceber que as relações criadas com as telas durante a infância eram diferentes da que se desenha agora, bem menos intensa, com muito menos presença em suas vidas, ao compararmos com a frequência da internet na vida de seus filhos. O entrevistado 8 recorda de seus desenhos preferidos:

“(...) tinha os programas de televisão que eram certos (...) eu assisti ‘Cavaleiros do Zodíaco’, peguei ‘Dragon Ball’ a primeira fase né, que era o pequenininho e tal, então tipo, é muito engraçado porque só tinha aquilo né, então eu lembro que, o nosso mundo era aquilo (...)”.

A entrevistada 4 pontua: “eu não parava em casa mesmo, era raríssimo, eu assistia um desenho que eu lembro perfeitamente que eu gostava, quando eu vinha da escola, eu vinha andando muito rápido de chegar a tempo de ver esse ‘deseinho’ e depois já saia”.

Portanto, a multiplicidade de formas para acessar internet, o estímulo contínuo que as telas proporcionam e a interação integral com os recursos tecnológicos acabam por tomar lugar das atividades de lazer que demandam maior esforço - seja físico ou mental - das crianças e, conforme o passar da idade, os adolescentes acabam preferindo ainda mais as telas tanto para se divertir, quanto para estar conectados o tempo inteiro com sua rede de amigos, colocando as telas e a tecnologia no núcleo de suas vidas. Como afirmam Abreu, Eisentein e Estefanon (2013) o advento da internet possibilitou uma interatividade em tempo real e também a continuidade dos jogos mesmo não estando online, ou seja, os jogos que não pausam, ou não acabam, promovem uma necessidade de estar sempre no virtual.

O lado negativo desta mudança é apontado, por Alves (2011), como “afastamento afetivo”. A autora destaca que, com o aumento do uso da internet por crianças e adolescentes é observável uma redução do tempo com os amigos e, podemos acrescentar, com a família. Aquele que está ali, ao lado, se torna invisível momentaneamente, como destaca Alves (2011), uma vez que o foco é o que se acessa por meio da internet.

Conclui-se, então, que as telas estão substituindo outras tantas e importantes formas de brincar, o que traz impactos para as relações interpessoais bem como para o desenvolvimento de crianças e adolescentes que têm interagido e brincado cada vez menos fora das telas, bem diferente de seus pais quando crianças e adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É marcante a presença da internet na vida das crianças e adolescentes referidos nas entrevistas, apesar de não terem sido obtidos resultados significativos no sentido de dependência ou uso arriscado da internet. É, portanto, fundamental uma reflexão sobre os impactos do uso frequente

e, para muitos, excessivo – quando comparado ao indicado pela literatura - na internet em suas vidas.

Birra; medo; agressividade; impactos no sono, na alimentação, na sociabilidade; redução da tolerância à frustração; não querer fazer outra atividade foram alguns dos comportamentos apontados pelos pais como resultado do uso da internet por seus filhos. Deste modo, ainda que não tenhamos encontrado problemas significativos no que tange à dependência da internet, não podemos deixar de lado estas alterações de comportamento – sinalizadas pelos pais – ante ao uso da internet por seus filhos.

O isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 foi, segundo os pais entrevistados, um fator marcante no sentido de um aumento do tempo de uso da internet tanto pelos filhos como por eles próprios. A realidade dos dias de hoje é de um uso da internet acima do indicado entre crianças e adolescentes e acima do desejado entre os adultos entrevistados.

Buscando uma melhora deste cenário, os responsáveis procuram formas de controle e monitoramento do uso da internet, tanto no sentido do tempo gasto diante das telas, como sobre o conteúdo consumido, o que sofre grande influência da rede de apoio, como salientado pelos entrevistados. Os pais encontram, pois, dificuldade de controlar como gostariam, o que traz para alguns o sentimento de “culpa”. Ainda assim, não deixam de destacar a importância da internet como “babá eletrônica” no momento em que eles, pais, não podem dar atenção aos seus filhos, o que, como vimos, pode dificultar o desenvolvimento da capacidade de crianças e adolescentes lidarem com o ócio, com a frustração e com o tempo de espera. Sugerimos, deste modo, um impacto do uso da internet nas relações intrapessoais. Podemos, inclusive, ir mais além no que tange a estas questões: o uso constante e intenso da internet pode servir para silenciar angústias e/ou sentimentos conturbados com os quais essas crianças e adolescentes ainda não conseguem se defrontar, o que pode acarretar, a longo prazo, em uma dependência do uso das telas, um ciclo vicioso de ansiedade, dentre tantos outros problemas.

Chama atenção ainda a vivência de lazer das crianças e adolescentes estar muito associada à internet, o que impacta nas relações interpessoais. São várias as crianças e adolescentes que preferem ficar diante das telas a fazer programas ao ar livre com seus pares ou familiares, o que, como vimos, compromete o desenvolvimento e o aprimoramento das habilidades de interação e comunicação, bem como reduz o tempo de contato presencial com outras pessoas.

Deste modo, conhecendo um pouco mais as relações de crianças e adolescentes com a internet na atualidade, observamos que há implicações para seu desenvolvimento, em especial àquelas relativas ao campo interpessoal e intrapessoal. Tal achado, no entanto, não ampara nem defende a abstinência do uso da internet por crianças e adolescentes, mas sim a necessidade de atenção cada vez maior à importância do processo educativo associado ao uso da internet por eles.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Cristiano Nabuco, EISENTEIN Evelyn, ESTEFANON Susana Graciela. Vivendo esse mundo digital- Impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre, 2013.

ALRAHILI, Nader; ALMARSHAD, Najla A; ALTURKI, Reham Y et al. The Association Between Screen Time Exposure and Autism Spectrum Disorder-Like Symptoms in Children. *Cureus*, v. 13, n. 10. p.1-10, Outubro, 2021.

ALVES, Marissol Mello. Família plugada: tecnologia, pais & filhos. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662 de 5 de junho de 2012. Brasília, DF: Congresso Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113257.htm>. Acesso em: 1 dez. 2022.

CAMARA, Suzana Aparecida dos Santos. Psicologia da aprendizagem. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015.

EISENSTEIN, Evelyn, ESTEFENON, Susana B. Geração digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, v. 10 (Supl.2). p. 42-52, 2011.

HINKLEY, Trina et al. Cross sectional associations of screen time and outdoor play with social skills in preschool children. *PLoS One.*, v. 13, n. 4. Abril, 2018.

IACONELLI, Vera. Criar filhos no século XXI. [recurso eletrônico] São Paulo: Contexto, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 1º. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2014. cap. 3, p. 61- 77.

_____, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

NEUMANN, Débora Martins Consteila; MISSEL, Rafaela Jarros. Família Digital: A Influência da Tecnologia nas Relações Entre Pais e Filhos Adolescentes. *Pensando*

Famílias, v. 23, n. 2. p. 75-91, dez. 2019.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico]: TIC Kids Online Brasil 2021. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de Orientação: #Menos telas #Mais saúde, 2019-2021. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf> Acesso em: 17 ago. 2022.

_____. Manual de Orientação da SBP: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital, 2016. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf> Acesso em: 17 ago. 2022.

TRINDADE, Michele; MOSMANN, Clarisse. Conflitos Familiares e Práticas Educativas Parentais como Preditores de Dependência de Internet. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 21, n. 3, p. 623-633, set/dez 2016.

WAGNER, Adriana et al. Família & Internet. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco (orgs.). Dependência de internet em crianças e adolescentes: fatores de risco, avaliação e tratamento. Porto Alegre:

Artmed, 2019.

_____, Kimberly S. Parent-Child Internet Addiction Test, 2016. Disponível em <<https://www.healthypplace.com/psychological-tests/parent-child-internet-addiction-test>> Acesso em: 17 ago. 2022.

ANEXO A –

Projeto: Presença e influência da internet na infância e adolescência: a percepção dos pais.

Você está sendo convidado(a) a fazer parte de um estudo desenvolvido no curso de Psicologia do UGB-VR pela Profa. Dra. Camila Resende que objetiva conhecer, a partir da visão de pais, a relação de crianças e adolescentes de cinco diferentes faixas etárias com a internet e conhecer a percepção dos pais entrevistados sobre essa relação. Sua participação será bem simples e rápida. Basta preencher o formulário a seguir que é totalmente ANÔNIMO (não é necessário informar o e-mail).

Importante: Preencha UM formulário para cada filho(a). Caso tenha dois ou mais filhos(as) na mesma faixa etária, preencha dois ou mais formulários da mesma faixa etária, cada um referente a um de seus(suas) filhos(as).

Seguem abaixo os links para os formulários de acordo com a idade de seus(suas) filhos(as):

0 a 2 anos - <https://forms.gle/VqasXsmYojhU83Uw9>

3 a 5 anos - <https://forms.gle/wuGnfev21bcMtMxd9>

6 a 8 anos - <https://forms.gle/mE3d1UR2XXXVKaz69>

9 a 11 anos - <https://forms.gle/AjwiprXv6R8exXwX7>

12 a 17 anos - <https://forms.gle/pUVHBhiXeF3KK2Lb7>

ANEXO B

Roteiro para entrevista semiestruturada

Projeto: Presença e influência da internet na infância e adolescência: a percepção dos pais.

- Idade do(a) filho(a)
- Como é o tempo livre de seu(sua) filho(a)? O que ele(a) costuma fazer?
- Seu(sua) filho(a) tem acesso à internet? Comente um pouco sobre frequência, duração, preferências e os dispositivos pelos quais ele(a) faz esse acesso.
- Quais os principais momentos que você permite que seu(sua) filho(a) acesse a internet? O que você faz nesses momentos?
- Você sofre influência de outras pessoas para permitir ou não o acesso de seu(sua) filho(a) à internet?
- Você busca controlar o uso de seu(sua) filho(a) dos dispositivos pelos quais ele(ela) acessa a internet? Se sim, como?
- Seu(sua) filho(a) faz uso de redes sociais? Quais? Você acompanha? Como?
- O uso da internet pelo seu(sua) filho(a) é um tema de reflexão e debate na família? Há um diálogo dos pais sobre o assunto?
- O que você pensa que esse uso pode trazer de impactos para o futuro de seu(sua) filho(a)?
- Você percebe alguma implicação do uso da internet no processo de desenvolvimento do seu(sua) filho(a)? Se sim, comente.
- Como você descreveria a sua relação com a internet? Você acredita que ela impacta na sua relação com o seu(seu) filho(a)?